



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LETRAS - PORTUGÊS**

**JOSINEIDE LEITE DA NÓBREGA GOMES**

**“TIO, MI DÁ SÓ CEM”: A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA MARGINALIZADA  
NA NARRATIVA LITERÁRIA ANGOLANA PÓS-COLONIAL SOB O OLHAR DE  
JOÃO MELO**

**CAMPINA GRANDE/PB  
OUTUBRO DE 2020**

JOSINEIDE LEITE DA NÓBREGA GOMES

**“TIO, MI DÁ SÓ CEM”:** A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA MARGINALIZADA  
NA NARRATIVA LITERÁRIA ANGOLANA PÓS-COLONIAL SOB O OLHAR DE  
JOÃO MELO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Português do Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras - Português.

**Orientadora:** Profa. Dra. Rosângela M. S. de Queiroz

**CAMPINA GRANDE/PB  
OUTUBRO DE 2020**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633t Gomes, Josineide Leite da Nobrega.  
"Tio, mi dá só cem" [manuscrito] : a representação da infância marginalizada na narrativa literária angolana pós-colonial sob o olhar de João Melo / Josineide Leite da Nobrega Gomes. - 2020.  
23 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2021.  
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz, Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."  
1. Literatura angolana. 2. Período Pós-Colonial. 3. Representação da infância. 4. Conto angolano. I. Título  
21. ed. CDD 896

**JOSINEIDE LEITE DA NÓBREGA GOMES**

**“TIO, MI DÁ SÓ CEM”: A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA  
MARGINALIZADA NA NARRATIVA LITERÁRIA ANGOLANA PÓS-  
COLONIAL SOB O OLHAR DE JOÃO MELO**

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profª. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Profª. Drª. Ana Lúcia Maria de Souza Neves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



---

Prof. Dr. Luciano Barbosa Justino  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## GLOSSÁRIO

**Biscates:** trabalho ou serviço extraordinário, ocasional, e de pouca monta

**Bué:** choradeira de criança

**Cabrão:** marido que tolera as infidelidades da esposa, cornudo, corno

**Canuco:** pessoa de pouca idade, jovem

**Cumbo:** dinheiro

**Kilunza:** pistola, arma

**Madiê:** tipo, indivíduo, sujeito.

**Moxoxamos:** dar um muxoxo (trejeito feito com os lábios, normalmente acompanhado por um pequeno ruído produzido pelo contacto dos mesmos com os dentes, em sinal de desprezo).

**Muata:** chefe, líder.

**Musseques:** [Angola] Bairro, geralmente de construções precárias, nos arredores de uma cidade, onde habitam os moradores menos favorecidos.

**Pancar:** comer

**Porreiro:** muito bom, excelente.

**Ranho:** as secreções que são expelidas pelas narinas

**Roto:** rasgado, esfarrapado, esburacado, rompido

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2. “TIO, MI DÁ SÓ CEM”: A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA MARGINALIZADA NA NARRATIVA LITERÁRIA ANGOLANA PÓS-COLONIAL SOB O OLHAR DE JOÃO MELO .....</b>	<b>9</b>
2.1. A literatura angolana e seu contexto: o cenário de Angola no período pós-colonial .....	9
2.2. João Melo: um escritor que constrói narrativas sobre a Angola pós-colonial e contemporânea .....	11
2.3. João Melo e a infância na literatura angolana pós-colonial: o olhar do escritor .....	12
2.4. “Tio, mi dá só cem”: a fome e a violência presentes na infância marginalizada e desamparada .....	14
2.5. Narrativas, diferentes narradores que contam a mesma história .....	17
<b>3. CONCLUSÃO .....</b>	<b>18</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>20</b>

## “TIO, MI DÁ SÓ CEM”: A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA MARGINALIZADA NA NARRATIVA LITERÁRIA ANGOLANA PÓS-COLONIAL SOB O OLHAR DE JOÃO MELO

Josineide Leite Da Nóbrega Gomes\*

### RESUMO

O presente estudo aponta de forma sucinta o cenário angolano pós-colonial que influenciou a escrita literária angolana e mostra a representação da infância através do conto “Tio, mi dá só cem”, do escritor e jornalista angolano João Melo, publicado na coletânea *Filhos da Pátria* (2001). A narrativa do conto acontece em Luanda, capital de Angola, e apresenta um contexto pós-independência assolado por problemas sociais, políticos e econômicos, expondo a vida de um jovem órfão, que teve a mãe morta e o pai dado como desaparecido durante a guerra civil. O menino foge para a capital, onde passa a sobreviver nas ruas, assaltando e catando lixo para se alimentar. Ele faz uma denúncia à violência da qual se diz vítima, pois foi submetido à marginalização e ao abandono, mesmo contra sua vontade. Observa-se neste conto a denúncia da vida precária que as crianças de Angola levavam e ainda levam. Estas crianças, que deveriam representar o futuro da nação, vivem, na verdade, em situações subumanas, desde cedo convivendo com a fome e a injustiça diariamente. Ao representar o cenário de violência e criminalidade do contexto contemporâneo de Angola, a narrativa do autor também exemplifica um processo importante de crítica na literatura nacional. Acredita-se que, paralelamente, as críticas presentes neste conto acendam sentimentos de esperança trazidos por essas reflexões através de sua leitura, tocando a sensibilidade humana para promover ações de assistência realmente eficazes, embora o que transpareça seja uma visão pessimista da sociedade retratada. Assim, a literatura angolana constitui-se também como um instrumento de humanização, uma vez que contribui para uma reflexão ampla acerca da concepção de mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Literatura angolana pós-colonial. Representação da infância. *Filhos da pátria*. João Melo.

---

\*Graduanda do Curso de Letras – Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [jhoseleite@hotmail.com](mailto:jhoseleite@hotmail.com).

**“UNCLE, GIVE ME JUST ONE HUNDRED”: THE REPRESENTATION OF  
MARGINALIZED CHILDHOOD IN POST-COLONIAL ANGOLAN NARRATIVE  
UNDER JOÃO MELO'S LOOK**

Josineide Leite Da Nóbrega Gomes\*

**ABSTRACT**

The present study succinctly points out the post-colonial Angolan scenario that influenced Angolan literary writing and shows the representation of childhood through the short story “Tio, mi da só cem”, by the Angolan writer and journalist João Melo, published in the collection *Filhos da Pátria* (2001). The narrative takes place in Luanda, capital of Angola, and presents a post-independence context plagued by social, political and economic problems, exposing the life of a young orphan, whose mother was dead and his father given as disappeared during the civil war. The boy flees to the capital, where he starts to survive on the streets, mugging and picking up trash to feed himself. He denounces the violence of which he claims to be a victim, subject to marginalization and abandonment, even against his will. This story observes either the denunciation of the precarious life that the children of Angola led and still lead. These children, who should represent the future of the nation, live, in fact, in subhuman situations, from an early age living with hunger and facing injustice daily. In representing the scenario of violence and criminality in the contemporary context of Angola, the author's narrative also exemplifies an important process of criticism in national literature. It is believed that, at the same time, the criticism present in this story illuminates feelings of hope brought by such reflections, through its reading, touching human sensibility to promote truly effective assistance actions, although what transpires is a pessimistic view of society depicted. Thus, Angolan literature is also an instrument of humanization, since it contributes to a broad reflection on the concept of the contemporary world.

**Keywords:** Post-colonial Angolan literature. Childhood representation. *Filhos da pátria*. João Melo

---

\*Graduanda do Curso de Letras – Português da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, [jhoseleite@hotmail.com](mailto:jhoseleite@hotmail.com).

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar a representação da infância marginalizada na Angola pós-colonial sob o olhar do escritor João Melo, através do conto “Tio, mi dá só cem”. O recorte desta pesquisa, portanto, compreende a Angola pós-colonial, e, para a execução do objetivo proposto, o estudo foi feito através da pesquisa bibliográfica. Encontra-se dividido em quatro partes: a primeira faz uma contextualização do cenário de Angola no período pós-colonial e de como a literatura angolana retratou esse contexto; a segunda trata do jornalista e escritor João Melo; a terceira apresenta a infância na literatura angolana pós-colonial sob o olhar do escritor e, por último, a quarta, discorre sobre o conto “Tio, mi dá só cem”, na qual é explicitada a fome e a violência presentes na infância marginalizada e desamparada em Angola após a independência nacional.

A escrita literária angolana é constituída predominantemente por um contexto histórico que narra a situação de vulnerabilidade e marginalidade que o país viveu e denuncia o trauma presente na história da região (MOREIRA, 2015). Para Campos (2018), a literatura produzida num país representa o contexto histórico e apresenta a política, a economia e o meio social local, e essas características influenciam a forma e o conteúdo das obras. Tal fato pode ser observado na literatura angolana pós-colonial. Angola foi a última colônia africana a se libertar de Portugal, em 11 de novembro de 1975, e a literatura angolana se propôs a representar esse processo social e histórico (PORTO, 2013).

É possível perceber, na literatura pós-colonial de Angola, a imagem de um país cujo cenário é rodeado de impasses sociais, culturais e econômicos, e onde ainda se encontram enraizados problemas como a violência, a corrupção e a desigualdade social que assolavam o país quando ainda era colônia portuguesa.

Uma característica marcante da literatura angolana é a preocupação em exprimir a percepção nacional em relação ao período pós-colonial, isto é, apresentar as impressões acerca da condição social do local. Como cita Diniz (2012), anteriormente à queda do domínio português e, portanto, durante a sua vigência, a literatura angolana já era caracterizada “como o lugar de denúncia, de negação ao sistema colonial e, principalmente, como lugar sugestivo de afirmação de uma identidade nacional”. Tais características se mantêm na literatura angolana pós-colonial, sendo que dessa vez o texto literário procede à denúncia e negação ao sistema nacional estabelecido após a queda do regime, no qual continuaram presentes problemas sociais e econômicos. Portanto, a literatura continuou com o engajamento que a caracterizou desde a luta pela independência, para se direcionar às denúncias de violência, de marginalização e de miséria da sociedade. Appiah (1997) afirma que uma das características das narrativas dos escritores pós-coloniais africanos ainda é a preocupação com o sofrimento e com as vítimas desse estado pós-colonial.

Como exemplo de obras que trabalham com essa perspectiva, cita-se a obra do escritor e jornalista angolano João Melo, diretamente interligada à corrente literária angolana pós-colonial, que narra a nação fundada após a conquista da independência nacional. A construção dessa identidade também se encontra refletida na representação da infância angolana na literatura, como pode ser visto no conto “Tio, mi dá só cem” de João Melo, publicado na obra “Filhos da Pátria”, que aborda a infância marginalizada, desiludida e violentada produzida pela sociedade pós-colonial.

Neste conto, o menino narrador-personagem é um deslocado, cuja mãe foi estuprada e assassinada por guerrilheiros, e o pai membro da União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). O garoto, então órfão, que vivia no interior, foge para Luanda num navio de refugiados e ao chegar à capital não recebe nenhuma assistência, passando a viver de restos de comida, esmolas e pequenos assaltos. A solução do problema da fome é urgente e o menino,

obrigado a chafurdar no lixo para se alimentar, vê-se, de repente, acuado pela necessidade. Entrando numa espiral ascendente de violência, pratica pequenos furtos, assaltos e agressões, culminando com o assassinato de um homem.

A linguagem do conto é composta por uma mistura de oralidade e escrita, com o emprego de uma fala grosseira e bastante informal, possibilitando que o leitor tenha uma proximidade com a realidade dos espaços mais periféricos de Luanda. Todo o texto é constituído por um único parágrafo, um grande bloco que conjuga discurso e progressão narrativa. O texto em bloco, que recorda na narrativa de Melo o estilo de José Saramago, é difícil de ler, pois exige atenção redobrada, devido a sua estrutura compacta, que dificulta, da parte do leitor, a segmentação do texto para melhor compreensão (pontuação, fala do narrador, troca de turnos de fala entre as personagens). Tudo parece amontoado, restando ao leitor agarrar-se firmemente ao conteúdo do relato, ao fio narrativo, o qual, a exemplo dos depoimentos orais, nem sempre é facilmente reconstituído. A estrutura do texto, dessa forma, guarda a semelhança da transcrição oral, com todas as suas limitações. Quem não conhece a situação descrita pode enveredar por caminhos interpretativos errados ou indevidos, ou, então, pode se deixar envolver por uma visão parcial e apaixonada que, paradoxalmente, nubla o cenário da realidade, quando desejaria denunciá-lo pungentemente.

Por outro lado, a escrita em bloco sugere, ainda, a dimensão intragável da realidade dolorosa. Se é difícil lê-la, imagine-se vivê-la. É desta forma que o leitor se acerca do relato do jovem angolano que, pelos azares da guerra, é arrancado da família ainda criança, atirado às ruas e marginalizado. Inconscientemente, ele emite uma aguda crítica ao sistema injusto estabelecido no país, o qual obriga a maioria das pessoas de sua idade a submeterem-se às mais variadas formas de indignidade social simplesmente para sobreviver. Mesmo contra a vontade, são obrigados a se acomodar ao sistema perverso, em grande parte motivado pelas transformações políticas e econômicas pelas quais o país passava então. Para reforçar essa linha de pensamento, o texto aborda como aspecto temático secundário a migração do interior para a zona urbana, representada no texto por Luanda. Uma vez que a capital do país não foi estruturada para receber e abrigar tantas pessoas, daí decorre que elas se amontoem nas periferias da cidade, sem as mínimas condições para se viver com dignidade.

Assim, a revisitação que o texto faz aos ideais nacionalistas revolucionários cede lugar à ironia e ao desencanto próprios das narrativas cujo objetivo é o de fazer denúncias sociais. Em “Tio, me dá só cem”, ao invés do enaltecimento de conquistas sociais e políticas como base da constituição de uma nação livre e igualitária, estão presentes questões como a pobreza, a violência e a corrupção promovidas pela desigualdade ainda reinante no país (CAMPOS, 2018). Nesse contexto, a literatura permanece como espaço onde é possível dar voz aos grupos marginalizados.

O estilo de escrita do conto é marcado pela ironia e pelo diálogo entre narrador e leitor, entre outras características. Essa peculiaridade da narração contribuiu para a construção de um estilo literário próprio do autor no âmbito da literatura nacional, movimento que consiste em fator de fundamental importância na construção identitária de um país. E, assim, é possível imaginar que uma literatura própria significa que os escritores são suficientemente preparados para contar as histórias de seu povo de maneira singular. A linguagem utilizada nos textos de muitos autores aproxima-se do vocabulário coloquial, muitas vezes trazendo expressões consideradas rudes, grosseiras, que permitem ao leitor uma imersão maior no cotidiano social angolano que o autor pretende expor (CAMPOS, 2018).

O passado colonial de Angola, caracterizado pela segregação social e pelo abuso de poder, de alguma forma colaborou para o presente pós-colonial, pelo fato de muitos costumes nativos terem permanecido. Observa-se que os obstáculos para uma emancipação nacional eficaz vão muito além da desocupação do colonizador do espaço angolano. O abandono e a

vulnerabilidade aos quais essa sociedade permanece exposta passaram a integrar a literatura angolana até os dias de hoje.

Atualmente, Angola é um país que permanece em expansão econômica, porém, ainda marcado pelas desigualdades sociais e pelas injustiças causadas pela guerra, cuja consequência mais marcante foi o acúmulo de milhões de refugiados, de acordo com Lima e Valentim (2016). Entre estes milhares, crianças, muitas delas na condição de órfãs, sem acesso à educação, saúde, alimentação ou qualquer amparo social. Inserida neste contexto, a trama do conto “Tio, mi dá só cem” centraliza-se na trajetória do seu protagonista, que é um menino que vive nessas condições.

## **2. “TIO, MI DÁ SÓ CEM”: A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA MARGINALIZADA NA NARRATIVA LITERÁRIA ANGOLANA PÓS-COLONIAL SOB O OLHAR DE JOÃO MELO**

### **2.1. A literatura angolana e seu contexto: o cenário de Angola no período pós-colonial**

Angola, país na África Central, foi colônia de Portugal durante muitos anos, desde a sua descoberta e conquista no ano de 1482 (SILVA, 2018). Portugal utilizava Angola e outras colônias conquistadas para exploração de recursos naturais e mão-de-obra barata, em favor das companhias de mineração. Segundo Silva (2018), o racismo foi imposto desde então no país, como lei administrativa e política. Assim, a população de Angola passou a viver sob a presença do racismo, do trabalho forçado e da ditadura portuguesa, condições estas que, posteriormente, moldaram o clima social e político do local em busca da libertação.

Somente em 1956, como forma de revolta contra a ditadura portuguesa, foi formado o primeiro movimento político das lutas de libertação, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Os idealizadores desse movimento publicavam textos e poemas com o objetivo de divulgar e conscientizar a população sobre a necessidade da luta pela libertação nacional, dando início à produção e publicação de obras literárias em Angola (TALI, 2001). O texto literário angolano tem se apresentado desde então como um dos principais mecanismos voltados para a criação e afirmação da nação. Surge então um discurso nacionalista revolucionário a favor da independência de Angola em relação ao domínio de Portugal, destacando a necessidade de transformar as estruturas econômicas e sociais criadas pelo colonizador (TALI, 2001).

É sabido que Angola realizou o seu processo de independência de forma muito sangrenta e violenta, e a capital Luanda sempre atuou como cenário importante durante esses conflitos (MARQUES, 2012). Como exemplo, em 04 de fevereiro de 1961, em Luanda, os integrantes do MPLA, com o apoio da União Soviética e de Cuba, invadiram a Casa de Reclusão Militar e a esquadria da companhia móvel da Polícia de Segurança Pública (PSP) para tentar libertar presos políticos. Inicia-se a partir de então o movimento de luta armada pela Independência Nacional em Angola (LIMA E VALENTIM, 2016).

Os dias 15 e 16 de março de 1961 serviram como marco para o movimento, dado que houve uma chacina de europeus no interior de Angola. Esses ataques seguem de forma cruel vitimando a população civil. Segundo dados do escritor português João Melo, “rebeldes da região assassinaram de forma atroz entre oitocentos a mil e duzentos brancos e cinco vezes mais africanos” (MELO, 1998, p. 26).

Os ataques tiveram como operantes os partidos MPLA (Movimento pela Libertação de Angola), junto à linha cubano-soviética, com a orientação de Agostinho Neto e Mário Pinto de Andrade; UNITA (União Nacional para a Independência Total de Angola), sob o comando de Jonas Savimbi, apoiada pela China; e o FNLA (Frente Nacional da Independência de Libertação

de Angola), antiga UPA (União dos Povos de Angola), sob a liderança de Holden Roberto (FRANCISCO, 2013).

Após um longo período de dominação colonizadora marcado por violência, miséria, opressão e exploração, apenas em 11 de novembro de 1975, com a formação de um governo provisório português de transição, houve a proclamação da independência de Angola. Nesse dia, o MPLA, que controlava a capital Luanda, sob a voz de Agostinho Neto, proclamou a Independência da República Popular de Angola, com base no regime comunista. No mesmo dia, Holden Roberto, líder da FNLA, proclamava a Independência da República Popular e Democrática de Angola, e, ainda, Jonas Savimbi fazia o mesmo, em Huambo, representando a UNITA. Entretanto, mesmo que todos esses movimentos tivessem como objetivo a libertação de Angola, existiam divergências entre eles, as quais, depois da proclamação da independência, levaram a uma guerra civil que durou mais de vinte anos (SILVA, 2018) e prolongou-se até 2002.

O período pós-colonial, que se refere, de um modo geral, ao período posterior à independência dos países colonizados, veio cercado de conflitos, injustiças e desigualdades sociais, antes manipulados pelo sistema colonial, e agora manobrados por conterrâneos que assumiram o poder político e econômico. Para Santos (2006, p. 25) “o fim do colonialismo enquanto relação política não acarretou o fim do colonialismo enquanto relação social, enquanto mentalidade e forma de sociabilidade autoritária e discriminatória”.

Um fato característico de Angola no período de pós-colonial é o êxodo-rural devido à guerra entre partidos rivais no interior do país, que obrigou centenas de milhares de habitantes da zona rural a deixar suas propriedades e migrar para as cidades que não estavam preparadas para recebê-los (SANTOS, 2012). As principais vítimas das desigualdades sociais nesse período (pós-colonial e guerra civil) foram as crianças, algumas órfãs, pois perderam suas famílias. Outras tiveram que ajudar no sustento da família. Porém, mesmo que ainda possuíssem seus pais, passaram a viver em completa miséria, o que as fez ingressar numa realidade de violência e de prostituição. A população predominantemente jovem cresce, então, desamparada, sem educação e sem perspectiva de uma vida melhor.

Os dados divulgados pelo jornalista José Rezende Júnior (1999, apud LIMA e VALENTIM, 2016, p. 122) mostram que o saldo desses conflitos foi de “2 milhões de mortos, 1,7 milhões de refugiados, milhares de órfãos, 200 pessoas mortas de fome por dia, 80 mil crianças, velhos, homens e mulheres mutilados pelas milhões de minas semeadas pelo país afora”.

Em meio a esse cenário de conflitos e desigualdade, com o intuito de trazer críticas e apresentar o sistema ao qual estava submetida a população angolana no período pós-independência, a literatura ressurgiu com o intuito de representar esse processo social e histórico. Todavia, os ideais nacionalistas deram lugar à ironia e ao desencanto próprios das narrativas cujo objetivo era o da denúncia social. Nela predominam questões como a pobreza, a violência e a corrupção resultantes da luta encarniçada pelo poder por parte dos grupos políticos em litígio (CAMPOS, 2018).

É possível observar essas características narrativas nos contos do livro “Filhos da Pátria”, do escritor João Melo. Publicado pela primeira vez em 2001, representa ações de injustiça, desigualdade e sofrimento que assolam o ambiente social pós-colonial de Angola. Nos textos é comum a presença de elementos que constroem a imagem de Angola pós-colonial, quando militantes lideraram o processo de luta pela independência e proclamaram a criação de uma nação livre e justa para todos. Tal imagem, porém, é contraposta por um ambiente pós-colonial em que a população pobre permanece sendo massacrada pela desigualdade social e pela corrupção política.

O passado colonial de Angola, caracterizado pela segregação social e pelo abuso de poder, de alguma forma, colaborou para o presente pós-colonial, pelo fato de muitos costumes nativos terem ressurgido. Observa-se que os obstáculos para uma emancipação nacional eficaz vão muito além da desocupação do colonizador do espaço angolano. No presente, entre outras providências fundamentais à constituição de uma nação verdadeiramente livre e igualitária, faz-se indispensável uma reeducação do senso de identidade e dignidade nacional, que capacite o povo a compreender a relação entre tradição histórica e progresso.

## **2.2. João Melo: um escritor que constrói narrativas sobre a Angola pós-colonial e contemporânea**

Aníbal João da Silva Melo, conhecido como João Melo, nasceu em 5 de setembro de 1955, em Luanda, Angola. Iniciou seus estudos em Luanda, onde concluiu o ensino fundamental e médio. cursou direito em Coimbra, Portugal, e em Angola. Em seguida, mudou-se para o Brasil onde se graduou em Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense e fez mestrado em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em seguida, quando retornou a Angola, trabalhou como jornalista na Rádio Nacional de Angola e em estatais como a Agência Angola Press e Jornal de Angola. Foi um dos fundadores da União dos Escritores Angolanos, tendo assumido, nesta instituição, ao longo dos 37 anos desde a sua criação em 1975, os cargos de Secretário Geral, Presidente da Comissão Diretiva e Presidente do Conselho Fiscal (SANTOS, 2016). Recebeu três menções honrosas, duas no Prêmio Sonangol de Literatura e uma no Prêmio Sagrada Esperança, ambos em Angola. Venceu a edição 2009 do Prêmio Nacional de Cultura e Arte de Angola pela vasta obra literária, por ter ajudado a criar e ter estado à frente de vários meios de comunicação do país. Atualmente, dirige uma agência de comunicação privada e é deputado pelo MPLA à Assembleia Nacional. É professor universitário em várias faculdades públicas e privadas em Angola.

O autor possui diversas obras publicadas em jornais e revistas da Angola, ABC, Diário de Luanda, Jornal de Angola e Lavra & Oficina Gazeta da UEA. Suas obras já foram traduzidas para o mandarim, alemão, italiano e húngaro (SANTOS 2016).

João Melo, como escritor, é poeta, cronista, ensaísta e contista. Publicou doze livros de poesia, a saber: “Definição” (1985), Fabulema (1986); “Poemas Angolanos” (1989), “Tanto Amor” (1989), “Canção do Nosso Tempo” (1991), “O caçador de nuvens” (1993), “Limites e Redundâncias” (1997), “A luz mínima” (2004), “Todas as palavras” (2006), “Autorretrato” (2007), “Novos poemas de amor” (2009), e “Cântico da terra e dos homens” (2010). Publicou 5 livros de contos, são eles: “Imitação de Sartre e Simone de Beauvoir” (1998), “The Serial Killer e outros contos risíveis ou talvez não” (2000), “Filhos da Pátria” (2001), “O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida” (2006) e “O homem que não tira o palito da boca põe nas normas” (2009). E na área de ensaios, “Jornalismo e política” (1991).

Especificamente falando sobre os contos, o escritor e jornalista João Melo constrói narrativas sobre a Angola pós-colonial e contemporânea, mais precisamente ele trata sobre o abandono e a vulnerabilidade ao qual a sociedade angolana permanece exposta e a forma de vida da burguesia endinheirada. Segundo Santos (2016), João Melo, por intermédio de sua ação como escritor e jornalista, participa da produção do discurso literário, filosófico, político e social, trazendo uma postura crítica para os problemas sociais e políticos próprios da sociedade angolana contemporânea. Nos contos da obra “Filhos da Pátria”, por exemplo, é notório que prevalece a abordagem dos conflitos de base étnica e racial presentes nas relações estabelecidas entre os filhos da pátria angolana no contexto pós-colonial de Angola.

### 2.3. João Melo e a infância na literatura angolana pós-colonial: o olhar do escritor

A obra “Filhos da Pátria”, coletânea de contos contemplada neste artigo, foi publicada primeiramente em 2001, em Angola, pela editora Nzila e posteriormente no Brasil, em 2008, pela editora Record. O livro traz dez contos narrando eventos ocorridos em Angola após a independência nacional, em 1975, e mostra personagens que vivem à margem da sociedade, traduzindo em suas narrativas as práticas marginais de sujeitos que vivem buscando meios de sobreviver ao processo político, social e econômico excludente. Em suma, a obra apresenta questões referentes à vida de cidadãos marginalizados, sendo estes angolanos habitantes dos chamados *musseques* - assentamentos informais associados, principalmente, às favelas espalhadas pela capital, Luanda - e seus destinos na Angola no período pós-colonial. A escrita deste terceiro livro de contos, segundo o próprio autor, surgiu da necessidade que ele sentia em retratar as situações do cenário nacional e propor uma discussão sobre a identidade nacional angolana.

“Filhos da Pátria” “desvenda identidades escondidas na penumbra do discurso de um país que busca se afirmar como nação livre” (DINIZ, 2012, p. 9), trazendo “a representação das particularidades dos filhos do território angolano e os acontecimentos complicados que os envolvem após a implantação do estado nacional” (CAMARGO, 2010, p. 16). O autor faz com que o leitor entenda o contexto em que se insere a obra, retomando, por meio das próprias personagens dos contos, acontecimentos passados que as levaram à situação de precariedade em que se encontram no presente, sempre mantendo relação profunda com o contexto histórico angolano.

Tratando dos personagens dessa obra, João Melo lida, inclusive, com a pouca visibilidade que os mesmos têm na história e na literatura, como quando diz que eles estão incluídos no percentual de “60% de habitantes do nosso planeta que sobrevivem com um dólar diário [se desses, como cruelmente ensina o chamado senso comum, não reza a história, por que há de rezar a literatura?” (MELO, 2008, p. 77). Fica evidente que João Melo quer trazer a atenção para o fato de que os sujeitos periféricos têm pouco espaço na literatura.

Além disso, em alguns de seus contos, o autor aborda a ilusão da infância que deveria ser uma fase meiga e inocente, sendo essa ideia destruída à medida que a fala dos personagens vai descrevendo um cenário pós-colonial marcado por um ambiente repleto de contrastes e violência. “No pós-colonialismo, a criança volta a garantir a representação do despreparo nacional” (CAMPOS, 2018, p. 32). A figura deste infante é o retrato da nação. Para López (2008), a nação também é considerada como uma criança imatura que representa uma ausência e essa ausência favorece a projeção e a apropriação do outro, mesmo que este outro não seja mais o colonizador, e sim alguém bem mais próximo: os conterrâneos.

Os contos “Tio, me dá só cem” e “O feto”, a ele tematicamente relacionado, presentes na obra “Filhos da Pátria”, em especial trazem a história de deterioração da vida de dois jovens adolescentes. Em ambos, a história é narrada em forma de monólogo por um narrador-personagem. A partir da fala desses dois jovens, o leitor conhece a situação de marginalização social em que foram inseridos. Esses contos representam a infância marginalizada, desiludida e violentada, produzida pela sociedade pós-colonial. Para conseguir alcançar isso, o autor utiliza uma linguagem grosseira e bastante informal, que permite que o leitor tenha uma imersão no cotidiano social angolano e possa imaginar os espaços mais periféricos de Luanda. Nas duas histórias, a vida dos personagens principais é destruída pela fome e pelos conflitos armados. São histórias narradas por um menino e uma menina, respectivamente, refugiados na periferia de Luanda, após migrarem das propriedades rurais em que viviam devido à guerra civil.

O menino narrador do conto “Tio, mi dá só cem”, é um exemplo disso. Ele faz uma denúncia à violência da qual se diz vítima ao dizer:

Tio, deixei, pois, no fundo sou um canuco porreiro, não gosto de fazer mal a ninguém, então porquê que todos me fazem mal, um dia ainda vou descobrir, tio, juro mesmo, tio, ainda vou descobrir porquê que todo o mundo me faz mal, o madiê atirou a pasta com todo o cumbu dele para a frente do carro, eu não me mexi, liga a chave seu cabrão, encostei um pouco mais o cano da pistola, mas não arranca sem eu mandar, de repente, tio, eu também não sei explicar isso, eu não tinha pensado nada, só queria mesmo cem pra comprar um pão, mas de repente. (MELO, 2001, p. 34).

A situação das meninas angolanas pode ser vista como ainda pior, dado que elas têm a prostituição como uma tentativa de mudança de vida, ou até mesmo porque precisam dela para se alimentar. Há a presença de uma jovem prostituta no conto “Tio, mi dá só cem”, mas no conto “O feto” um exemplo de prostituição é particularmente narrado. Nele, a história de uma jovem de quinze anos que começa a se prostituir aos treze a pedido de sua mãe para ajudar no sustento da família. A jovem também saiu com sua família do interior, depois de ter sua casa incendiada durante a guerra civil. Seu pai é um bêbado que bate na sua mãe todos os dias. Quando chegam em Luanda e a família sofre com a fome, sua mãe, em uma atitude desesperada, pede que ela se prostitua para que sua família tenha meios de sobreviver. A menina aceita o pedido e, aos quinze anos, depois de dois anos na vida da prostituição, acaba tendo que fazer um aborto. Na história, a jovem questiona a participação do governo na assistência às famílias refugiadas que chegam a Luanda, motivo este que as levam a recorrer a outras formas de sobrevivência.

Assim como o narrador-personagem do conto “Tio, mi dá só cem”, a garota do conto “O feto” também correu para a cidade de Luanda para buscar abrigo e proteção, mas acabou sendo vítima da miséria, da exploração sexual e tornou-se personagem antagonista em uma narrativa em que o protagonista passou a ser o feto que ela havia abortado. Pode-se observar que todos que faziam perguntas a ela estavam preocupados com a gravidez que ela interrompeu e não com a situação de vida à qual ela estava exposta, conforme se observa em:

Agora aquele feto está aí no lixo a ser filmado pela televisão, meu feto vai ser famoso, será que vão me dá algum por isso, era bom, talvez eu pudesse finalmente deixar de ser uma comerciante do sexo. (MELO, 2001, p. 148).

O que é que a rádio e a televisão estão fazendo aqui se a morte de um feto não é notícia, sobretudo tratando-se de um feto angolano, pois como está a vida em Angola é melhor morrer dentro da placenta do que sobreviver e sofrer como eu e minha mãe estamos sofrendo. (MELO, 2001, p. 147).

Observa-se nestes dois contos, a denúncia da vida precária que as crianças de Angola levam. Estas crianças que deveriam representar o futuro da nação, e vivem, na verdade, em situações subumanas, desde cedo convivendo com a fome diariamente. O escritor João Melo traz recursos que apontam para o contexto social de abandono e violência a que as crianças são sujeitas. Ao representar o cenário de violência e criminalidade do contexto contemporâneo de Angola, a narrativa do autor também exemplifica um processo importante de crítica na literatura do país.

As críticas do autor são pautadas nos momentos em que a situação de muitas dessas crianças, lançadas ao abandono e à própria sorte, obriga-as a práticas marginais e desesperadoras na emergente sociedade capitalista do recente país, para garantir a própria sobrevivência. Observa-se também uma crítica à violência doméstica, à banalização do sofrimento dessas crianças pela mídia e à falta de assistência e educação à população.

Entretanto, paralelamente, os temas abordados nos contos suscitam a ideia de esperança de que as reflexões tragam, através de suas leituras, a sensibilidade do ser humano para promover ações de assistência realmente eficazes.

#### 2.4. “Tio, mi dá só cem”: a fome e a violência presentes na infância marginalizada e desamparada

O conto inicia com a frase que lhe serve de título e que se repete excessivamente ao longo do texto: “Tio, me dá só cem”, acompanhada de sua justificativa: “só cem mesmo pra comprar um pão” (MELO, 2001, p. 31). Nessa solicitação já é visível a característica mais marcante do narrador, a ambivalência, a partir da qual o discurso do protagonista reflete, no conto, a sua consciência. Logo, podemos perceber a pouca idade do garoto ao chamar de tio o seu interlocutor e em “só cem mesmo pra comprar um pão” (MELO, 2001, p. 31), a situação de abandono, penúria e fome em que ele se encontra. Assim, todo o conto revela a vida presente da personagem: roubar, pedir, e até mesmo matar, são ações para sobreviver. Teoricamente, não deveria haver lugar para a culpa, entretanto, para cada uma das ações que o sujeito realiza fora da regulamentação social, vem a sua justificação: “não gosto de fazer mal a ninguém, então porque que todos me fazem mal.” (MELO, 2001, p. 34).

A narrativa é marcada pelo discurso contínuo do narrador-personagem, em estrutura de depoimento. Sendo um jovem deslocado, como ele mesmo diz, perdeu seus pais e irmãos durante a guerra civil pela independência de Angola, e fugiu do mato, onde não estava comendo em busca de melhores condições de vida (MELO, 2001). O menino segue dizendo que no interior, antes de se mudar para Luanda, a fome já se fazia presente na vida da família. A narrativa se desenrola pelo olhar do jovem protagonista, dando voz ao oprimido que expõe sua história pregressa e a situação atual, de total miséria – passado miserável que descamba num presente miserável, cuja crueza e absurdo parece sugerir no interlocutor a descrença que o leva ao deboche “não ri não, tio” (MELO, 2001, p. 31). O menino continua:

Tu não sabes que tem comida de refugiado, de deslocado, de roto e esfarrapado, lhe procuramos todos os dias nos contentores, lutamos, nos aleijamos, encontramos mesmo boas coisas, ossos de galinha assim com umas tiras recicláveis [...] o problema é só os ratos, os cães, os gatos, os sacanas são mesmo atrevidos [...] um dia inda pego uma dessas ratazanas que parece que comem gatos e faço um bruto churrasco, como só um bocado e o resto vendo como pinchos [...] não como nada desde antesdntem, nem mesmo um pão todo furado misturado com líquidos, bichos, cheiros, merda. (MELO, 2008, p. 31-32-33).

A falta de comida vivenciada diariamente faz o menino disputar alimentos com animais e por vezes ser forçado a ingerir restos de comida misturada com fezes, mais do que, uma situação de exclusão social, coloca-o em situação de degradação humana.

O leitor passa a identificar-se como integrante do conto a partir de sua participação como ouvinte e também devido ao seu papel de interação comunicativa com o personagem que, na fala dura e direta, pede dinheiro para saciar sua fome. Ansiando por apoio de alguém, mesmo que simplesmente para ser visto e ouvido, o jovem inicia o relato de sua história desde sua saída do interior até o dia anterior, que parece ser o clímax dos acontecimentos, quando matou um homem. Curioso notar o recurso utilizado para ressaltar a vivência de tantas experiências aterrorizantes em tão pouco tempo: consegue contar toda a sua história em apenas alguns minutos – uma hora, se tanto.

Logo no início do conto, o menino se refere à primeira educação escolar recebida e depois a uma instituição religiosa que o acolheu após a morte de sua mãe, mas demonstra, através de sua fala, que tais passagens foram breves e pouco importantes; a fatalidade afastou-o da primeira e, indiretamente da segunda, pois fugiu para viver nas ruas. Afirma que sabe contar e soletrar, no entanto, no momento, como refugiado em Luanda, não vai mais à escola, como acontece a muitas crianças angolanas:

Contei nas mãos, eu então sei contar tio, também andei na escola, cheguei até na quarta, a, bê, cê, dê, um, dois, três, quatro, num é assim tio, é assim sim senhor, não ri, foi o meu professor é quem disse, lá no mato adonde eu estava antes de vir aqui em Luanda como deslocado, uns dizem é deslocado, outros porque é refugiado ... eu não andei só na escola, tio, também sei caminhar sobre as águas como Cristo, o padre é que falou. (MELO, 2001, p. 31-33).

A violência é uma marca que se destaca na narrativa. O menino teve a sua mãe estuprada e assassinada pelos grupos armados, seu pai desapareceu e seus irmãos e irmãs não tinham forças para lutar contra a fome: “arrastavam no chão cheias de ranho, moscas, lágrimas, era a fome” (MELO, 2001, p. 38). Assim, refém da guerra que destruía sua família, a saída encontrada foi partir para Luanda. Mas o menino permaneceu num orfanato, de onde fugiu e passou a viver nas ruas:

Agora estou aqui na Ilha, tenho o meu buraco, saio de dia pra fazer uns biscates, de noite fico mesmo aqui a controlar os carros que chegam para fazer sacanagens, eles nem reparam quando eu me aprochoo silenciosamente deles, digo, tio, mi dá só cem. (MELO, 2001, p. 37).

A narrativa mostra uma criança que luta pela sobrevivência sem a presença e o apoio da família, cometendo erros, infringindo a lei, expondo-se a situações perigosas que anulam a imagem da inocência com que compreendemos do conceito de infância. Quando o garoto se lembra do passado e de sua família, vê-se como uma criança do interior brincando com os irmãos, mostra uma linguagem mais tranquila, revela a vontade de voltar ao tempo em que podia ser uma criança. No entanto, volta à realidade atual, sente que, embora suas atitudes retratem o que de pior definem o ser humano, deve parecer forte e seguir em frente para continuar lutando para se manter vivo.

Este sofrimento é ainda mais acentuado quando o menino comete o assassinato de um senhor. Ele narra que enquanto pedia dinheiro para comprar pão, prática comum na sua vida, matou um estrangeiro que não lhe deu o dinheiro que solicitava e reagiu aos comandos de ficar no carro onde estava, como pode ser visto em “ele é que pediu para morrer, quem lhe manda reagir, eu só queria cem pra comprar um pão.” (MELO, 2001, p. 36).

Logo ao perceber que tirou a vida de um homem e ao presenciar a dor e o medo no rosto da jovem prostituta que o acompanhava, o narrador-personagem se sensibiliza com a situação e aponta seu sofrimento e fragilidade ao dizer que:

A miúda dele estava nos meus braços totalmente fragilizados, pensando talvez que eu tinha muita força só porque tinha uma kilunza e tinha despachado o velhote dela, o que ela não sabia é que eu estava mais fragilizado do que ela, a minha cabeça estava longe. (MELO, 2001, p. 38).

As lembranças da violência que a mãe sofreu são trazidas à tona quando o narrador pensa no crime que cometeu. Assim também é a violência exercida por ele, que se vingava do mundo fazendo sexo com a menina que acompanhava o senhor que ele assassinou, como referência a tudo o que ele sofreu até ali:

Fomos na praia, tirei-lhe a roupa, fodi-lhe, fodi-lhe, fodi-lhe, parece que não estava a lhe foder, mas a vingar-me do mundo, ela não dizia nada, só chorava e ria, de repente começou a gritar, mi dá um filho, mi dá um filho. (MELO, 2001, p. 39)

Assim, o sofrimento é causa e consequência para os jovens encurralados numa vida sem alternativas dignas de sobrevivência, que os obriga a praticar ações que não os agradam, através

das quais se sentem desnaturados em suas relações e sentimentos, mas que, seja como for, apresentam uma saída para sobreviver. A criminalidade a que se ligam em busca de sustento é narrada pelo personagem quase com naturalidade, quando relata que, em Luanda, vive em um “buraco” de onde sai “de dia pra fazer uns biscates, de noite fico mesmo aqui a controlar os carros que chegam pra fazer sacanagens” (MELO, 2001, p. 37), como o empregado que sai para o trabalho.

A violência é parte do instrumental das ações que o menino pratica para conquistar o que a sua sociedade se negava a lhe dar:

A mão estava firme na kilunza mas a voz era um pequeno fio, os olhos parados, mortiços, como se fora um bicho, eu sou um bicho, tio, um bicho desgraçado, mas assim de kilunza na mão parecia masé um comandante, berrei então no muata. (MELO, 2001, p. 33).

É importante observar que a narrativa não possui uma linha temporal e se desenvolve em apenas um parágrafo contínuo, construído apenas pelo uso das vírgulas que intercalam uma sequência desordenada de fatos que estão no tempo presente do seu diálogo com o senhor a quem chama de tio, depois retoma ao passado mais distante, sua infância em Chipeta, a lembrança de seus familiares, com sofrimento e saudade. Ele faz referência ao passado e ao presente com um discurso fragmentado que mescla as cenas do pedido de dinheiro, do assassinato do senhor e da relação sexual com a garota, configurando o tempo presente, com as lembranças de um passado ainda recente, marcado pela dor e pelo sofrimento familiar.

O discurso do narrador-personagem também não é organizado, pois nota-se que ele vai de uma cena a outra de forma a não fixar o leitor num quadro apenas, ou numa sequência ordenada de fatos, misturando vozes dos personagens e demonstrando que essa desorganização discursiva é fator que acentua a desordem da vida do sujeito (CAMPOS, 2018). Os fatos narrados de forma não temporal parecem enfatizar a desordem da vida do sujeito e sua marginalização, com isso, e também a sua descrença em um futuro mais digno, pois aceita a sua condição, vendo-se como alguém perdido na vida, e ainda afirma “eu mesmo já estou completamente fodido da minha vida” (MELO, 2001, p. 33). Por outro lado, o que externamente se revela como desordem, pode também refletir o sentimento de horror, pânico e perplexidade da personagem, diante de uma sequência tão alucinante de tragédias quase que ininterruptas em tão pouco tempo de vida. O tom entrecortado do discurso sugere o depoimento acerca de uma história horrível, assustadora, que, no entanto, nada mais é do que a verdade do protagonista.

O personagem, apesar da pouca idade, aparentemente possui consciência dos problemas que afetam os jovens de seu país. Ele ainda debocha das organizações em prol do meio ambiente, que distribuem mudas de árvores, enquanto diz que a preocupação de tais instituições deveria ser alimentar um povo que sofre com a miséria:

Dizem temos aqui umas mudas de árvores pra vocês plantarem, nós lhes olhamos então de uma maneira que eles não entendem, são burros, moxoxamos entre nós árvores, árvores, queremos masé pancar, estamos embora com fome, com bué de fome, a nossa fome é tão grande que somos de capazes de matar estes moços verdes, todos eles bem nutridos, bonitinhos, bem cheirosos. (MELO, 2001, p. 32).

E ainda faz observações sobre o cenário social em que se insere e questiona as ações de intervenção, como quando interpela, por sua atitude repugnante, um homem mais velho em companhia de uma criança:

A tua mulher sabe que você está aqui com a tua neta, essa miúda tem idade pra ser tua neta, caralho, a tua mulher sabe, anh, sabe, anh, vá, pra dentro, pra dentro [...] olhei na garina toda encolhida no outro banco, devia ter quinze anos, nem bonita, nem feia,

mas tinha uma mini-saia quase sem saia, era só mini, as coxas já formadas, olhei-lhe bem, parecia um animalzinho perdido na floresta, podia ser minha irmã. (MELO, 2001, p. 34).

Nesse contexto, através da narrativa, pode ser observado que há uma crítica às ações que são realizadas em Angola para a construção da nação e para seu crescimento, já que permite ao leitor pensar que tais iniciativas não estão atreladas às reais necessidades do povo, mas voltadas a interesses de determinados grupos políticos e sociais, no caso deste conto o de defensores da natureza. Ao mesmo tempo, essa indiferença do grupo com a fome do jovem é uma forma de intensificar o anonimato dos grupos sociais representados pelo narrador.

As críticas observadas no conto são pautadas nos momentos em que a situação de muitas crianças e jovens obriga-os a práticas marginais e desesperadoras na emergente sociedade capitalista do recente país, para garantir a própria sobrevivência. Observa-se que há também uma crítica à violência e à falta de assistência e educação à população. No entanto, paralelo a isso, os temas abordados nos contos suscitam a ideia de esperança de que as reflexões tragam, através de suas leituras, a sensibilidade do ser humano para promover ações de assistência realmente eficazes.

## **2.5. Narrativas, diferentes narradores que contam a mesma história**

O conto “Tio me dá só cem” e o conto “O feto”, presente na mesma coletânea, abordam histórias parecidas. Em ambos, os protagonistas apresentam características semelhantes como a pouca idade e a sujeição à miséria e prostituição. Os dois textos narram situações vivenciadas por adolescentes que são interrogados por terem realizado um crime, o menino – o assassinato de um estrangeiro - e a menina - um aborto. Os dois jovens migraram do interior do país para capital Luanda, conforme eles mesmos afirmam, dizendo que vieram do mato não por vontade própria, mas porque tiveram sua família assassinada de maneira brutal.

Os dois jovens representam a população excluída, limítrofe entre infância e adolescência, que vive nos musseques, em condições de extrema pobreza. Esses têm o destino condicionado pela realidade vivida por suas famílias, vítimas da desigualdade social e pelo controle do poder político. Mais do que isso, tal destino é condicionado pela realidade vivida por suas mães, pois é a miséria, o desespero e a ausência das mães - e dos pais - que direcionam os filhos a um caminho de absoluta privação e sofrimento psicológico. Em “O feto”, a mãe da protagonista é abalada pela memória dos horrores vividos na guerra, pela atual situação de miséria e pelo sofrimento que resulta das agressões físicas do marido alcoólatra e desempregado, o que a obriga a inserir a filha adolescente de 15 anos no mundo da prostituição. Em “Tio me dá só cem”, após presenciar sua mãe ser estuprada, agredida e queimada, o garoto se desloca para habitações precárias na capital do país, iniciando uma vida de miséria e criminalidade. (SANTOS, 2016).

As personagens dos contos apreciados, que nem sequer têm nome, recebem por parte da sociedade um tratamento misto de hostilidade e indiferença, tendo suas ações movidas tanto pela necessidade de sobrevivência como pelo desejo de vingança a todo o mal que lhes causam diariamente. Elas encontram a satisfação resultante do sentimento de vingança na eliminação do que lhe serve como referência daqueles que as oprimiram. Apesar da pouca idade, têm consciência de que são vítimas da violência e do abandono. Essa consciência é observada na fala do garoto:

Não gosto de fazer mal a ninguém, então porquê todos me fazem mal, um dia ainda vou descobrir, tio, juro mesmo, ainda vou descobrir porquê que todo o mundo me faz mal, o madiê atirou a pasta com todo o cumbu dele para a frente do carro, eu não me

mexi, liga a chave seu cabrão, encostei um pouco o cano da pistola. (MELO, 2001, p. 34).

A jovem de “O feto” segue descrevendo tudo que desejaria fazer para destruir a vida dos homens que a exploram todos os dias. Sua falta de compreensão em relação à melhoria da qualidade de vida a faz afirmar que seu propósito de vingança não é reconhecido como um sonho, pois os sonhos são objetivos a serem alcançados e ela já não estabelece mais sonhos em sua vida, seus desejos não passam de delírios que não poderão se tornar realidade. A jovem entende que a esses homens é dado o controle para arrasar sua vida, mas a sua vida é algo irrelevante para eles:

Desde que abandonei a minha casa no mato nunca mais pude ter sonhos, por isso jamais me vinguei dos homens que me fizeram sofrer, a não ser ontem, quando joguei esse feto que está aí no lixo para ser comido pelos ratos, baratas, e cães, pra que mentir se eu não preciso disso. (MELO 2001, p. 146).

A garota experimentou um sentimento de realização no ato de abortar. A fim de esquecer toda aquela condição vivida no período pós-colonial, tentando afastar tudo o que lembrasse seus opressores, inclusive os homens que a maltratavam, brancos, pardos, mulatos. Com o garoto de “Tio, me dá só cem” foi da mesma forma. Ao narrar o assassinato, ele leva o leitor à compreensão de que o fez não apenas porque estava com fome e precisava de dinheiro para comprar comida, mas porque quis vingar-se do homem.

Os eventos trágicos vividos pelos jovens têm como causa a desintegração do núcleo familiar, e os dois choram a perda de contato com os irmãos: “eu disse que vim em Luanda por causa da guerra não sei onde estão as minhas irmãs” (TMDSC, p. 35); “os meus dois irmãos desapareceram na guerra” (OF, p.141). Podemos imaginar duas possibilidades para o destino tomado pelos irmãos e irmãs das duas personagens: a primeira é desconfiar que as informações que unem um conto a outro apontam para uma possibilidade de que todos tenham se perdido ou morrido, já que os eventos que determinaram a desagregação familiar ocorreram na localidade mato. A segunda possibilidade é a de que, com a expansão da guerra, ocorreu o afastamento definitivo das famílias.

A prostituição também aproxima e afasta os dois contos. Em “Tio, me dá só cem” não fica claro se a garota no carro do *muata* é ou não uma prostituta. As indicações apontam que sim, mas algumas afirmações a afastam da jovem do conto “O feto”: “mataste meu amigo, mataste o meu amigo, ele ia me colocar, ia mi” da um filho” (MELO,2001, p. 141). Observamos nesse trecho a prostituição de forma diferente: em um era motivado pela necessidade de comer; no outro pela possibilidade de ascensão social.

Assim, existe uma série de traços que se repetem em um conto e no outro, e embora não estejam organizados da mesma maneira, as situações narradas em um parecem que se repetem no outro. Elas têm a mesma raiz, que é a necessidade de sobrevivência.

### 3. CONCLUSÃO

A literatura desempenha um importante papel na história de um país, pois serve para fortalecer os laços indenitários entre os membros de uma nação, podendo ser também objeto de luta e resistência ou mesmo de denúncia social. Com relação a Angola, a importância da literatura é ainda maior, pois revela uma visão de mundo a partir da cultura de um povo específico.

Em Angola, o período pós-colonial é marcado pelas heranças deixadas pelo colonialismo e pela guerra civil, como o abandono e a miséria, através das quais milhares de crianças, órfãs de fato ou de pais vivos, perceberam-se sozinhas, lutando todos os dias por uma

expectativa de subsistência. A perda de referências parentais e ancestrais, o abandono e a vulnerabilidade aos quais essa sociedade foi exposta, representados no texto de Melo pelo abandono e desagregação familiar que vitimam as crianças e adolescentes retratados, passaram a integrar a literatura angolana pós-colonial, como triste vitrine do que podem causar o ódio, a sordidez e a guerra à constituição de uma jovem nação.

Nesse contexto, escrito sob a forma de monólogo, o conto “Tio, mi dá só cem”, presente no livro *Filhos da Pátria*, do escritor e jornalista angolano João Melo, ao narrar a vida de um menino órfão no período pós-colonial, não retrata a infância como época de brincar, aprender e confiar no futuro, garantido pela orientação dos pais, pelo trabalho e pelo respaldo da sociedade. Ao contrário, o tom é de forte desencanto. Vulnerável, portanto, indefesa e sujeita à marginalização da sociedade, a infância desenrola-se para as crianças de Melo sob o signo do desnaturamento de todas as relações que embasam a constituição de um indivíduo socialmente produtivo e psicologicamente saudável.

Em relação à temática presente no conto, a questão da fome, da violência, e da desigualdade social apontam para os novos desafios que Angola, agora como um país livre, após anos de guerra (de independência e civil), deve enfrentar para construir uma nação justa e igualitária.

O forte discurso de desesperança retratado no conto se apresenta como uma exigência de revisão do passado, através da demarcação das demandas do presente com vistas à não continuidade desses problemas no futuro. A demarcação da situação presente é construída por meio de uma visão crítica, que, ao apontar para fatores históricos, sociais e locais que estão na raiz dos problemas, assinala caminhos por onde se possa reconstruir o futuro.

## REFERÊNCIAS

APPIAH, K. A. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

CAMARGO, P. **Luanda e Filhos da Pátria: leituras em movimento**. 2010. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

CAMPOS, N. R. M. N. A representação da infância no cenário distópico pós-colonial angolano de João Melo. **Sociopoética**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 20, p. 56-71, jul. 2018.

DINIZ, A. M. C. A. **Filhos da Pátria: a representação de identidades angolanas na literatura de João de Melo**. 2012. 113f. Dissertação (Mestrado em Letras). Inédito. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau de Ferros, 2012.

FRANCISCO, A. A. C. **A política externa de Angola durante a Guerra Fria (1975-1992)**. 2013. 129 f. Dissertação (Mestrado). Inédito. Universidade de Brasília, 2013.

HILÁRIO, L. C. **Teoria crítica e literatura: a distopia como análise radical da modernidade**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LIMA, D. A. F. VALENTIM, J. V. **Vozes emudecidas: pode o subalterno falar? (Uma leitura do conto “Tio me dá só cem”, de João Melo)**. **Infância e pós-colonialidade**. UFF: Abril – NEPA, p. 119-133, 2016.

LÓPEZ, M. V. Infância e colonialidade. In: VASCONCELOS, T. (org.). **Reflexões sobre infância e cultura**. Niterói: EdUFF, 2008. p. 21-37.

MARQUES, I. L. G. **Memórias de um golpe: o 27 de maio de 1977 na angola**. 2012. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Humanidades, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

MELO, J. **Filhos da pátria**. Angola: Nzila, 2001.

MELO, J. **Os anos da guerra, 1961-1975: Os portugueses em África, crônica, ficção e história**. 2. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

MOREIRA, T. T. **História, violência e trauma na escrita literária angolana e moçambicana**. Caderno Cespuc. São Paulo, p. 1-12, 2015.

PORTO, A. P. T. Cultura e literatura africana de Angola: diálogos ininterruptos. **Revista do Ichla**, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 1, p. 8-15, 2013.

REZENDE, J. J. **Angola: 38 anos de guerra**. Caderno Especial/1º de novembro de 1999.

RUSSEL, G. A. S. **En el peor lugar posible: teoría de lo distópico e su presencia en la teoría tardofranquista española (1965-1975)**. 2015. 519 f. Tese. (Doctorado) — Departamento de Filología Española. Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona, 2015.

SANTOS, K. A. E; RIBEIRO, M. F. M. Narrativas distópicas e processos de reescrita da nação em Filhos da Pátria, de João Melo. In: **Encontros Rede Sul Letras**, 4. ed. Palhoça: UNISUL. p. 553-559, 2016.

SANTOS, K. A. E. “**Angola é um país de pretos!**”? : relações raciais, disposições de poder e figurações identitárias em filhos da pátria, de João Melo. 2016. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura, Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo**: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez. 2006.

SANTOS, E. R. Uma leitura de Angola para além da identidade nacional. **Darandina**: revista eletrônica, v. 2, n. 1. Juiz de Fora, 2010.

SILVA, A. C. M. Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências. **Neari em Revista**, v. 4, n. 5, Recife, p.1-15, 2018.

TALI, J. M. M. Dissidência perante o poder de estado: o MPLA por si próprio. **Ensaio de história política**. v. 1, Luanda, 2001.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por ter me dado forças até aqui, para não desistir de lutar pelo meu sonho. Agradeço especialmente a minha orientadora Rosângela de Queiroz por aceitar conduzir meu trabalho. Pela dedicação na orientação de maneira inesperada e com muita responsabilidade. A todos os meus professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) que participaram do meu processo de formação, sempre com muito profissionalismo.

Ao meu marido Daniel Gomes, pelo companheirismo e apoio ao longo de toda trajetória.

As minhas filhas por compreenderem as várias horas que me ausentei para ir a universidade.

A minha família pelo apoio que sempre me deram durante toda minha vida.

Aos meus colegas do curso pelos momentos de aprendizados juntos, sempre colaborando em todos os momentos possíveis.

Também agradeço a minha vizinha Redjane pelo incentivo a voltar estudar e fazer uma graduação.

Sou grata aos meus amigos pelas palavras de incentivo nos momentos difíceis.

Assim, agradeço a todos que contribuíram para realização deste trabalho.